

A AUTORIDADE DO TEXTO SAGRADO

Wilbur Norman Pickering, ThM PhD

- A. A importância da questão de autoridade (em si) para o ser humano: mercado de cosmovisões.
1. Cosmovisão – a mola mestra; como você interpreta o mundo; fazer X falar.
 2. Criação X evolução – crentes acobardados, acovardados. A questão básica aqui é exatamente de cosmovisão; a visão bíblica é rejeitada.
 - a. Evolução é cientificamente impossível – 350 bits VS 1500 bits; probabilidade estatística; DNA de homem X chimpanzé.
 - b. A terra é jovem – campo magnético; arca de Noé; torre de Babel.
- B. A importância da autoridade do Texto Sagrado para a vida da Igreja e do crente.
1. Oséias 4.6 (ver 4.1 e 6.6-7):
 - a. “O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento”. (Os. 4.2-3)
 - b. “Porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei como meu sacerdócio!”
 - c. “Visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos!”
 2. 1 João 2.15-17:
 - a. “Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele”.
 - b. “Pois tudo o que há no mundo . . . não é do Pai”.
 - c. “Aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre”.
 3. João 8.31-32, 17.17, Hebreus 4.12, Efésios 6.17:
 - a. “Se permanecerdes na minha Palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos”.
 - b. “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.
 - c. “Santifica-os na verdade; a tua Palavra é a verdade”.
 - d. A espada do Espírito.
 4. Josué 1.8, Salmo 1.2-3, 119.105, etc.
 5. Apoc. 21.5 – “verdadeiras e fieis” X a idéia que a Bíblia não tem sentido certo.
 6. (Jer. 20.1-4 [Pasur], Mal. 2.1-3,7, Jer. 23.14,17,22, Mat. 15.9, 23.2,13,15,33)
- C. Seis disciplinas/áreas que afetam a autoridade da Bíblia:
1. Inspiração (lado divino) – 2 Tim. 3.16, o “fôlego de Deus”; o efeito que produz.
 2. Canonicidade (lado humano) – reconhecer a qualidade inerente; maior prova é a preservação. [Anexo]
 3. Preservação – 1 Cron. 16.15 = Sl. 105.8, Sl. 119.89, Isa. 40.8 e 59.21, Mt. 5.18, Lc. 4.4, 16.17, 21.33, Jo. 10.35, 16.12-13, 1 Pd. 1.23-25.
 - a. Deus afirma a preservação, só não diz como – temos que deduzir pelo que fez.
 - b. Os diversos textos gregos (e versões a partir deles) representam respostas diferentes.
 - c. As dúvidas levantadas (colchetes, notas maliciosas) solapam a autoridade.
 - d. Resultados da crítica textual moderna:
 - 1) Uma colcha de retalhos.
 - 2) Uma crise de credibilidade.
 - 3) Erros e contradições importados ao texto “crítico”.
 4. Interpretação: hermenêutica → exegese: “A Bíblia é a única regra de fé e prática” – será??
 - a. Quando igreja ordena pastor que não sabe interpretar a Bíblia, na verdade qual é a cosmovisão dela?
 - b. E quando a palavra do pastor vale mais do que a Bíblia? [muitas igrejas X ‘bereianos’]
 - c. “Enganados” (Mt. 22.29) – não conhecem as Escrituras.
 - d. “Doutrina de demônios” (1 Tim. 4.1) – quem não sabe interpretar é presa fácil.
 - e. “Hermenêuticas” diversas.
 - 1) Liberal/marxista (pressupostos materialistas).
 - 2) Neo-ortodoxa (pressupostos humanistas).
 - 3) Relativismo cultural (também humanistas).
 - 4) Levar o Texto e o Autor a sério (respeitando as normas da linguagem).
 5. Doutrina da Igreja – deveria ser teologia sistemática bíblica, mas muitas vezes não é.

- a. Quando o pacote doutrinário da igreja vale mais que a Palavra: Isa. 29.11-13, “está selado” (o ‘pacote’ da denominação não permite [diz a liderança]), “não sei” (pessoa sem preparo [diz o povo]). Mt. 15.8-9 (Os. 5.11) – “**Em vão** me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.” Qual seria o valor verdadeiro desse tipo de culto?
 - b. Quando se depende de tradução e não do Texto Original – os tradutores impõe suas próprias idéias teológicas → doutrina baseada em tradução falaz: Mt. 18.18, 1Jo. 5.18, Heb. 2.14 “tem”, Mc. 16.18 “pegarão”, Hades/Sheol por “inferno”, 1Cor. 11.10 “sinal”, 1 Tim. 3.11 “esposa”, Mc. 10.13-14 “de tais”, “como”, Jó 40.15 ‘beemote’, 41.1 ‘leviatã’.
 - c. **Quando uma igreja segue doutrina que não é bíblica, ela atenta contra a autoridade da Bíblia!** (“aceitar” Jesus, “possesso” de demônio, crente não pode ser “possesso”)
6. Aplicação – quando crente/pastor peca conscientemente é porque o Texto falta autoridade para ele!
- a. Sacerdócio de cada crente.
 - b. Deus não dá procuração a ninguém para dominar a consciência ou a fé de outrem (Mt. 23.8-10), exatamente porque cada um deve adorar ‘em espírito e verdade’ (Jo. 4.24). E para ser discípulo de Jesus deve permanecer na Palavra (João 8.31).

{NB: Autoridade objetiva depende de sentido verificável.}

D. Como o A.T. chegou até nós.

1. Começa-se com pressuposições: o Criador certamente existe, e dirigiu uma revelação escrita a nossa raça. O projeto dessa revelação escrita certamente existiu no pensamento do Criador antes da fundação do mundo, assim como o Cordeiro morto.
1 Pedro 1.19-20 – O Cordeiro morto antes da fundação do mundo.
Salmo 119.89 – Para sempre, ó Jeovah, a tua palavra está firmada nos céus.
1 Cron. 16.15 – A palavra que ordenou para mil gerações.
2. Adão era extremamente inteligente, portador da imagem do Criador ainda sem contaminação. Ele deu nome a todos os bichos e pássaros (Gen. 2.20) antes da queda. Para tanto fatalmente dispunha de linguagem – ele foi criado com idade aparente e com um idioma já na cabeça (obviamente, se Deus conversava com ele – Gen. 2.16-17, 3.9-13). Com tanta inteligência e tantos anos de vida deve ter desenvolvido um sistema para escrever seu idioma. Quando Deus andava e conversava com Adão no Jardim, um dos principais assuntos deve ter sido como Deus criou o mundo (aliás, quantos assuntos poderiam existir àquela altura?). Entendo que Adão certamente fez registro escrito da criação e dos acontecimentos durante sua vida.
3. Enoque (sétimo após Adão) escreveu uma profecia que ainda existia no tempo de Jesus (Judas 14). Se o idioma pré-dilúvio e pré-Babel foi um tipo de hebraico, como presumo, então Judas podia lê-lo. Enoque conviveu quase a vida toda com Adão – se Enoque escreveu, foi porque Adão escreveu primeiro.
4. Noé deve ter levado para dentro da Arca documentos históricos preparados por Adão, Matusalém, etc., bem como outra literatura, incluindo a profecia de Enoque (pois qualquer coisa fora da Arca foi totalmente destruída). Certamente o próprio Noé registrou os eventos que giraram em torno do dilúvio, bem como depois. Como Deus bem sabia que mais tarde iria utilizar Moisés para escrever o relato inspirado, parece-me óbvio que Ele teria impulsionado Adão, Matusalém, Noé, etc. a fazerem registros acurados.
5. Pelegue era um tataraneto de Sem (Ninrode era neto de Cão) e filho de Éber (hebreu – em Gen. 14.13 Abraão é chamado de hebreu). Sendo que a semente prometida passou por Sem, e Deus estava bastante interessado no processo, os documentos que passaram pelo dilúvio teriam sido preservados dentro da sua linhagem. A família de Éber e Pelegue não estaria envolvida, necessariamente, no projeto da torre de Babel. Entendo que o idioma hebraico, que seria o idioma pré-dilúvio e pré-Babel, não foi alterado quando Deus criou as outras línguas – assim a memória escrita do passado foi preservada inalterada

(Pelegue morreu antes que Noé). Nos dias de Pelegue (Gen. 10.25) a terra foi dividida [por fissura], e a confusão das línguas [e culturas] teria que acontecer antes.

6. Jó viveu na terra de Uz (que era neto de Sem) e teria sido descendente dele. Como viveu mais que 200 anos, seria de uma geração anterior à de Abraão, talvez a de Naor. Jó é o primeiro livro inspirado, escrito por volta de 2000 a.C. Deve ter sido escrito em hebraico, pois o hebraico seria idioma de prestígio, por ser o mais antigo e com literatura estabelecida – aliás, no tempo de Jó, pouco após Babel, talvez fosse o único idioma escrito.
7. Abraão, pai da fé e receptor da Aliança, e que conviveu com Sem e Éber (aliás, morreu antes de Éber), deve ter recebido o acervo de literatura, que chegou até Moisés (talvez através de Levi, Coate e Anrão). Lembrar que estou pressupondo a participação de Deus no processo.
8. Moisés, inspirado por Deus, fez uso inerrante do acervo, que começou com Adão, por volta de 1500 a.C. Como Moisés escreveu cinco livros, até aqui temos seis livros canônicos. Deut. 31.24 afirma que Moisés escreveu, e conforme Dt. 17.18 fazer cópias era ordem. Josué 24.26 afirma que Josué escreveu. 1 Samuel 10.25 afirma que Samuel também escreveu.
9. Davi e Salomão, entre 1050 e 975 a.C. – eles escreveram a maior parte dos livros poéticos. Até aqui são 13 ou 14 livros canônicos.
10. Malaquias, por volta de 435 a.C. – último livro escrito do cânon hebraico (na seqüência oferecida pelo texto Massorético o último livro é 2 Crônicas). Agora são 39 livros canônicos (Zac. 7.12 afirma a inspiração dos profetas pré-exílicos). Josefo afirma que o cânon foi fechado nos dias de Artaxerxes.
11. Septuaginta (LXX) – durante o 3º século a.C. (c. 285) começou-se a tradução do A.T. para o grego, trabalho que se completou antes do tempo de Jesus Cristo. O cânon traduzido continha os 39 livros que conhecemos (os livros apócrifos foram acrescentados já dentro da era cristã, por cristãos, não pela comunidade hebraica).
12. Jesus Cristo outorgou ao A.T. autoridade absoluta (colocou os escritos de Moisés em pé de igualdade com sua própria palavra – João 5.45-47). Citou pelo menos Gênesis, Êxodo, Números, Deuteronômio, Salmos, Isaías, Jeremias, Daniel, Oséias, Jonas, Zacarias e Malaquias. Em Lucas 24.44 reconheceu explicitamente as três divisões do cânon hebraico: Lei, Profetas e Escrituras (Salmos).
13. Antigamente o hebraico era escrito só com consoantes. Começando no século VII d.C. e terminando no século X, um grupo de eruditos judeus acrescentaram a pontuação vocálica, com isso definindo também o texto. Esse texto massorético tornou-se padrão, sendo o texto hebraico da Reforma Protestante e o texto hebraico que utilizamos até hoje. O Código da Bíblia se baseia nesse texto – o funcionamento do código depende da exata seqüência de letras e portanto é uma prova cabal da preservação dessa seqüência no decorrer dos séculos. Como o Senhor Jesus bem disse, “nem jota nem til”.

E. A preservação do texto do N.T.

1. As evidências históricas:
 - a. Os próprios autores humanos sabiam que estavam escrevendo “Bíblia”.
 - b. Seus colegas contemporâneos também reconheceram que estavam escrevendo “Bíblia”.
 - c. Os líderes cristãos desde o 1º século usaram os escritos do NT como sendo “Bíblia”.
 - d. Os escritos do NT eram lidos nas congregações desde o início, fatalmente havendo proliferação de cópias, e boas.
 - e. Desde o início os crentes eram alertas e preocupados quanto à pureza do Texto.
 - f. A região Egéia (Grécia e Ásia menor) detinha entre 18 e 24 dos 27 Autógrafos (Egito zero).
 - g. Foi exatamente na área Egéia que a Igreja mais prosperou; ela se tornou o eixo da Igreja até o 4º século (pelo menos).
 - h. Foi também nessa área que a língua grega foi mais usada, e durante mais tempo, graças ao império bizantino (transmissão exata, só na língua original). (Aliás, na

Providência Divina o império bizantino só acabou [1453] após a invenção da imprensa [a 1ª Bíblia impressa apareceu em 1456].)

- i. A Ásia menor foi caracterizada também por uma mentalidade conservadora quanto ao Texto Sagrado ('Escola de Antioquia').
 - j. O Texto verdadeiro nunca se "perdeu"; foi garantido pela Igreja da região Egéia.
 - k. Implicações da campanha de Diocleciano (303) e do movimento Donatista.
 - l. Implicações do processo de transliteração do nono século.
 - m. Atualmente, 95% dos manuscritos gregos refletem uma tradição básica de transmissão do Texto, exatamente a tradição oriunda da região Egéia.
2. Teorias diversas – avaliação.
 - a. A teoria crítica W-H.
 - b. A teoria "processo" (Kenyon, etc.).
 - c. Eclétismo (quer 'rigoroso' ou 'racionado').
 - d. Dois dos 'três tipos de texto' (von Soden, Sturz).
 - e. Crítica-cânon (Childs, Letis).
 - f. TR/KJV como tal.
 - g. A teoria do Texto Majoritário.
 3. Implicações para a autoridade do Texto (de cada teoria).

F. Avaliação e comparação (% da redação original) de textos gregos e versões (do NT) em Português.

<u>100%</u> T.O. WP	<u>99,8%</u> H-F R-P	<u>99%</u> IOG	<u>98%</u> T.R.		<u>92%</u> SBU N-A	<u>90%</u> W-H
	I.A.		A.A. Fiel	Corr.	Atual, L.H. Viva, P.T. NVI, Cont, Jer.	Bras.

- G. Porque Deus permitiu esse estado de coisas?
 1. O propósito de Deus ao criar o ser humano.
 2. As regras do jogo que Deus coloca.
 3. Algumas analogias (relógios, medidas, álcool).
- H. Seis tipos de problema que atingem a autoridade do Texto.
 1. Veneno – erros e contradições maliciosamente enxertados no Texto por eruditos de certo tipo (Ef. 2.2). Porque o "veneno"? Teoria de W-H (pressuposições, ataque tridente, conseqüências). [lista anexa 1]
 2. Dificuldades aparentes que realmente estão no Texto Original. [lista anexa 2]
 3. Tradução falaz – pode levar a doutrinas e práticas im procedentes. [lista anexa 3]
 4. Notas de rodapé inverídicas, quando não maliciosas. [lista anexa 4]
 5. Onde o Texto é claro mas não gostamos do que diz e fazemos ginástica para contornar. [lista anexa 5]
 6. Nossa ignorância e limitação – "vasos de barro".
- I. Princípios da sã interpretação – hermenêutica.
 1. A interpretação é uma; as aplicações podem ser várias (doutrina se baseia na interpretação, nunca em aplicações). Distinguir rigorosamente entre as duas coisas.
 2. O princípio fundamental da comunicação é: **tanto quem fala ou escreve como quem ouve ou lê, ambos têm que respeitar as normas da linguagem.**

J. O uso do V.T. no Novo (citações).

A: N.T. = LXX = T.M. [Texto Massorético]	— 268 = 70%
B: LXX é mais perto do T.M. do que é o N.T.	— 50
C: N.T. é mais perto do T.M. do que é o LXX	— 33
D: N.T. = LXX ≠ T.M.	— 22
E: N.T. ≠ LXX ≠ T.M.	— 13
	<u>386 citações</u>

1. A grande maioria das citações é literal, como poderíamos esperar.
2. Quando o N.T. cita o uso que alguém fez do A.T. (Estevão), então o problema é dessa pessoa.
3. Às vezes o N.T. segue a LXX e a situação não exige corrigi-la (havendo divergência do T.M.).
4. O Espírito Santo tinha o direito de dar aos Apóstolos interpretações do A.T. que não seriam óbvias a nós. Um Apóstolo debaixo da Inspiração teria prerrogativa que nós não temos.